

## SABERES E PRÁTICAS POPULARES DE CURAS ALTERNATIVAS

Saete Aparecida da Cruz\*

**RESUMO:** *A pesquisa aborda a problemática da permanência das práticas mágicas religiosas na contemporaneidade. Tem por objetivo compreender quais os fatores que permitem a permanência das mesmas e quais os fatores que atuam nas suas transformações e ressignificações. Contrariando algumas concepções da modernidade que apontavam para seu desaparecimento, elas ressurgem com vigor inesperado nos dias atuais. As concepções que abordavam estudos referentes a estes fenômenos, que traziam embutido a concepção de uma cultura na qual prevalecia o arcaico, caem por terra quando se utilizam abordagens onde prevalecem a eficácia simbólica e a razão analógica.*

**Palavras-chaves:** Benzimentos; Curas; Imaginário.

### INTRODUÇÃO

A permanência de práticas alternativas de curas mágico-religiosas, no meio rural e urbano nos dias de hoje, torna-se intrigante e suscita especulações, visto que a sociedade atual se quer e pretende ser calcada no pensamento racional e científico. O processo de urbanização que, a partir dos anos 30 do século passado, deslocou o eixo produtivo e político do país do campo para a cidade e, posteriormente, o advento da televisão destruiu em parte a rede de relações que permitiam a conservação e a transmissão desses saberes.

Embora alguns autores que estudaram este fenômeno apontem para o seu desaparecimento, tais como (FONTENELLE, 1959; FERNANDES, 1979; QUEIROZ, 1980; OLIVEIRA, 1985), é possível verificar ainda a sua permanência não só no meio rural, como no urbano (CRUZ, 2000), e perceber a importância de seu significado e existência. Apesar do desenvolvimento científico e tecnológico, usufruído pelas sociedades contemporâneas, práticas de curas embasadas no pensamento mágico-religioso ainda persistem. Diante desta questão, cresce o interesse pela cultura popular, pelos meios que permeiam a transmissão desses saberes e as tentativas de compreender o significado dessas práticas.

### SABERES E PRÁTICAS POPULARES

Práticas populares que envolvem determinadas crenças e suas representações podem oferecer, na concepção popular, formas de curas alternativas que se contrapõem ao sistema oferecido pela medicina oficial. A importância que assumem e a dimensão que ocupam, socialmente, esses saberes e práticas requerem uma atenção maior de estudos para determinar o seu contexto e sua base social.

Entendendo a cultura como uma teia de significados tecidos pelo próprio homem (GEERTZ, 1978, p.15), cuja representação reflete o mundo social e natural e expressa a

---

\* Professora Assistente do DEBI – Departamento de Estudos Básicos e Instrumentais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB - Campus de Itapetinga, Mestre - Universidade Estadual de São Paulo – UNESP-Marília [saleteacruz@uesb.br](mailto:saleteacruz@uesb.br).

interioridade, tanto individual quanto coletiva, pode-se pensar como articula, determina e delimita as subjetividades das preferências dos sujeitos ou grupos sociais que fazem uso desses saberes e práticas.

Inseridas culturalmente no cotidiano popular, essas formas alternativas de cura possibilitam outros modos de ver a doença e buscar a sua cura através das representações das mesmas.

Segundo Durkheim (1996, p. VIII), os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa e são representações coletivas que exprimem realidades coletivas.

Quando entendidas como representações sociais e não como um agregado de representações individuais, elas revelam estruturas peculiares como a mediação social, através da comunicação.

Assim, são as mediações sociais em suas mais variadas formas que geram as representações sociais. Por isso, elas são sociais-tanto na sua gênese como na sua forma de ser. Elas não teriam qualquer utilidade em um mundo de indivíduos isolados, ou melhor, elas não existiriam. As representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente. (JOVCHELOVITCH, 1994, p.81).

Na busca pela reconquista do bem-estar físico e emocional, encontram-se presente a religião e a magia, quase sempre concomitantes ou, prevalecendo uma sobre outra em determinados momentos e circunstâncias. Unindo-se em formas de rituais, são maneiras de agir que surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos.

Não sendo reconhecidos oficialmente, os agentes dessas práticas são considerados muitas vezes charlatões, embusteiros ou agentes de má fé. No entanto, no contexto da cultura popular, podem-se analisar estas práticas, colocando-as em contraposição com a medicina oficial, para buscar os seus significados e (des)construir esse conhecimento e a razão nelas atreladas, pois:

Que sentido pode ter a cura mágica numa sociedade que erigiu a razão como critério de verdade e que delegou à ciência e à técnica a função de orientar as práticas mais corriqueiras?

Duplamente estigmatizada, por seu caráter de classe e por seu distanciamento com relação às verdades produzidas pela ciência, a magia não deveria merecer a atenção das pessoas preocupadas em investigar a doença e a cura (MONTEIRO, 1985, p.1).

A eficácia simbólica tem sido objeto de estudos da antropologia ao investigar os sistemas alternativos de cura, onde é possível observar que elementos referentes à religião e à magia estão imbricados uns aos outros e, juntos, oferecem respostas que não são unicamente mágicas e religiosas, mas também simbólicas. Tanto na magia como na religião o simbólico está presente.

É preciso atingir sob o símbolo a realidade que ele figura e dar a sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes traduzem as necessidades humanas em algum aspecto da vida, seja individual ou social. Conforme alerta Durkheim (op. cit. p. VIII) “A razão que o fiel concede a si próprio para justificá-los podem ser- e muitas vezes, de fato, são, errôneos; mas as razões verdadeiras não deixam de existir; compete à ciência descobri-las.”

Como elemento comum dessas práticas, o simbólico pode significar sob o aspecto antropológico muito mais do que nos apresenta como fenômeno considerado isoladamente.

Segundo Montero (op. cit., p.6), num sistema simbólico constituído pela magia, o conhecimento sobre o mundo é construído, ou seja, é atribuído a ele um significado.

É através do significado simbólico de um novo processo de construção de conhecimento, segundo as determinações e motivações internas do imaginário, que será processada a cura.

O imaginário aqui entendido como parte da representação, como tradução mental de uma realidade exterior percebida, que ultrapassa o processo mental e vai além da representação intelectual ou cognitiva. (LAPLANTINE & TRINDADE, 1997, p. 25)

A linguagem simbólica tem como característica os símbolos e a sua relação mediatizada a respeito do que significam. O ritual que envolve o mágico e o religioso pode, através dos símbolos que ele comporta, mediatizar o significado da própria vida, portanto da cura.

A atividade humana não se orienta apenas no sentido de sobrevivência física. Ela cria um ambiente qualitativamente distinto do ambiente orgânico, constituído de valores. É a esfera da cultura. Os valores assumem, para o homem uma significação tão grande ou mesmo maior que o ambiente físico (ALVES, 1989, p.19).

Como elementos culturais, a magia e a religião veiculam valores que permitem a internalização por se constituírem como imaginário coletivo de representações sociais. Todavia a internalização de valores age sobre os grupos sociais, provocando uma transformação onde se inicia o processo de conversão. O imaginário coletivo e as representações sociais como categorias sócio-culturais oferecem processos sistematizados de cura e possibilitam, pela concepção popular da etiologia, explicar a causação das doenças. Segundo MINAYO (1988, p. 363), as causas das doenças podem ser:

- a) Natural
- b) Psicossocial
- c) Sócio econômico
- d) Sobrenatural

A causação natural relaciona saúde/doença aos fenômenos da natureza. Dessa forma, as mudanças do tempo são responsabilizadas pelas dores no corpo, nervosismo, recrudescimento de males crônicos etc. O frio é causador de resfriados, bronquites, gripes etc. O calor provoca inchaços nas pernas, opressão no coração. Os ventos trazem mal-estar e doenças. Os ciclos lunares estão relacionados com crises de epilepsias, problemas nervosos e mentais, cólicas etc.

A causação psicossocial refere-se aos sentimentos e emoções prejudiciais à saúde com destaque para a raiva, a inveja, o ciúme, a tristeza e os sustos. As emoções provocadas pelos conflitos familiares, as relações conflituosas com conotação de amor, ódio, paixão são também grandes desencadeadoras das doenças de origem psicossocial.

As doenças originadas pelas condições sócio-econômicas referem-se às condições materiais de existência tais como: a falta de alimentação ou alimentação insuficiente devido ao baixo salário recebido. As péssimas condições de saneamento básico, o funcionamento deficiente do sistema de saúde, condições de moradias precárias e a insalubridade no trabalho são causadoras de doenças, cuja origem está no domínio da ordem sócio-econômica.

Por fim, a origem das doenças de ordem sobrenatural está relacionada com a religião e a magia, sob o domínio do imaginário e do significado simbólico, em forma de sistema.

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma

ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõem aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, 'uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências'. (BOURDIEU, 1989, p. 9)

A doença torna-se expressão dos transtornos espirituais: do mal-feito, da feitiçaria, do quebranto, do mau-olhado, do olho grande, do encosto, quando envolvem o corpo físico. Esta concepção popular da etiologia das doenças engendrada pela cultura popular requer a produção da cura através dessa mesma cultura que as engendrou.

Os meios, ou formas de cura que persistem na cultura popular, não apenas no contexto rural mas também no contexto urbano, são diversos e variam de região para região. Pode-se destacar entre eles, a cura pelas simpatias, a cura pela benzeção e pelas práticas rituais das religiões de origens afro-brasileiras, ameríndias, européias ou orientais.

As simpatias têm um caráter mágico simbólico que não envolve a religião, embora envolva a crença na eficiência daquelas. A benzeção e outras práticas rituais de cura têm um caráter mágico religioso que é também simbólico. Nestas, estão envolvidos: a religião, a qual entra em forma de comunicação com o sobrenatural através das orações propiciatórias e súplicas, o uso de material simpático e gestos simbólicos. (XIDEH, 1972 p.32). O material simpático, os gestos simbólicos e as orações envolvem outros elementos que fazem parte da cosmogonia simbólica, tais como a água, o fogo, o vento e as estrelas, porém com conotações próprias da cultura popular. Segundo Cruz (op. cit. p.45), a ressignificação se dá na apropriação de outros significados que, sendo projetados a partir do imaginário popular, envolvem forças incontrolláveis da natureza do homem ou do universo e permitem, mediante essa apropriação, torná-las tangíveis e controláveis.

## CONCLUSÃO

Embora sejam diversos os processos para efetuar a cura, a atuação do simbólico e as representações que perfazem o imaginário popular demonstram a existência de uma forma específica de fé.

A fé, que é baseada na experiência de vida do sujeito:

[...] não é uma forma fraca de crença ou conhecimento; não é a fé nisto ou naquilo; a fé é a convicção sobre aquilo que ainda não foi provado, o conhecimento da possibilidade real, a consciência da gravidez. A fé é racional quando se refere ao conhecimento real que ainda não nasceu; ela é baseada na capacidade de conhecimento e compreensão, que penetra a superfície e vê o âmago. A fé, como a esperança, não é a previsão do futuro; é a visão do presente num estado de gravidez.

A afirmação de que a fé é a certeza necessita de uma restrição. É a certeza sobre a realidade da possibilidade, mas não é a certeza no sentido da previsão indiscutível. (...) Este é o paradoxo da fé: é a certeza do incerto. É a certeza em termos de visão e compreensão do homem; não é certeza em termos do resultado final da realidade. Não precisamos de fé naquilo que é cientificamente previsível, nem tão pouco pode haver fé no que é impossível. A fé é baseada em nossa experiência de vida, de nos transformarmos. A fé que outros podem mudar é o resultado da experiência de que posso mudar. (FROMM, s.d., p.27).

Esta conceituação de fé permite a compreensão das práticas mágicas religiosas como repletas de significados. A capacidade de mudança de sentido significa conversão, ou mudança

de direção. Direcionar a vida para uma forma mais plena de ser exige flexibilidade e dinâmica de espírito. É a possibilidade do vir a ser, portanto da cura no seu sentido mais pleno, como processo que se estende e amplia-se através das experiências vividas. Dentro desse mesmo processo, pelo qual se transformam e, ao se transformarem, transformam o mundo em que vivem, os sujeitos aprendem uma nova forma de conceber a vida e a graça de viver. É possível que a cura se faça mediante o novo sentido que é atribuído à vida, pela razão analógica, mediante a adequação do homem ao mundo e ao seu contexto social.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens *Religião e enfermidade*. In: MORAIS (org.) **A construção social da enfermidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL; 1989.
- CRUZ, Salete A. **As Benzedeiras de Vera Cruz**. Cultura popular e a escola pública no oeste paulista. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Marília: 2000.
- DURKHEIM, Émile, **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERNANDES, Florestan. Aspectos mágicos do folclore do folclore paulistano. In: **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FONTENELLE, R. **Aimorés**. Análise antropológica de um programa de saúde. DASP, 1959.
- FROMM, Erich A. **Revolução da Esperança**. São Paulo: Círculo do Livro s. d.
- GEERTZ, Clifford **A interpretação das culturas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LAPLANTINE, Francois & TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo; Brasiliense, 1997- coleção primeiros passos; n. 309.
- MINAYO, Maria C. de S. Saúde e doença: uma concepção popular de etiologia. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro: nº 4 out/dez. 1988.
- MONTERO, Paula. **Da doença à desordem**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- OLIVEIRA, Elda R. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed. 1984 (coleção primeiros passos).
- QUEIROZ, Marcos de S. Feitiço, cura, mau olhado e susto, seus tratamentos e prevenções. In **Religião e sociedade**, nº 5, São Paulo: 1980.
- XIDIEH, Osvaldo E. **Semana Santa cabocla**. São Paulo: IEB / USP, 1972.